

MILHA 12

MILHA
12
GAZETA

Número ➔
Abril de 2024

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Ilustração PM



AB INITIO O CARO LEITOR ESTÁ A LER O MILHA 12 PORQUE HÁ O 25 DE ABRIL PONTO.



Diretório coletivo

Alvíssaras aos 50

É de Noite mas havia Luz
Como diamante que a todos seduz.
Há compasso, trotes de marchar
Há sonhos, utopias ao raiar.
E a passo largo, todos vão
Batendo as botas em união.
Quantos sois? Não sei dizer!
Dão-se vivas ao que queríamos ser...
Que saudade é essa, doce povo,
Que assim tragam o Estado de Novo?
Há a mão hirta a ferro e fogo
Neste país tão pouco douto.
Há segredos, compadrios, sonhos de recobro...
Desejos esquecidos de um “solo” povo novo.
E dão-se vivas a este viver
Quando não há casa onde dormir, nem o que comer.

Paula Sousa



Ilustração PM

Sementes do meu Jardim

25 Abril de 1974 / 2024

Solicitam-me uma Crónica sobre o 25 Abril, 50 anos na comemoração da data.

Recordo um episódio bastante anterior, na candidatura de Humberto Delgado, em 1958, no caso ocorrido com uma cena que envolvia apoio ao candidato do Regime, Américo Tomás. Passou-se à porta do Café Guarany, hoje desaparecido há muito, mas, na altura, centro de reunião de estudantes, sobretudo nos “matraquilhos”.

Éramos quatro, Álvaro Baptista, Carlos Martins, eu Zé Gomes e outro de que não recordo o nome agora e me penalizo, todos desaparecidos excepto o cronista. Trouxemos as cadeiras do café para o passeio, voltadas ao contrário e debruçados sobre a protecção das costas, observávamos um autocarro da época parado junto à Câmara e, por certo, pago por esta e destinado a levar voluntários ao comício de Américo Tomás no Porto.

À medida que alguém se aproximava do veículo, era primado com forte assobiadela da nossa parte, de que resultavam muitas desistências, pois o autocarro arrancou com meia dúzia de pessoas dentro, pouco depois.

Escusado será dizer que a acção nos mereceu no dia seguinte sermos chamados à Direcção do Colégio, D. Maria Adília, pois a “garotice”, assim classificada, deu má imagem do Colégio de Oliveira de Azeméis, onde éramos alunos finalistas.

Foi uma acção oposicionista mais intuitiva que outra coisa, mas deixou “sementes” na memória que o tempo acabou por reconhecer bastantes anos depois em Abril de 74.

Muito tempo depois deste episódio e sendo, creio, o único que teve o privilégio de o viver e ainda anda por cá, recordo com saudades esta geração “fabricada no hoje adormecido” Centro de Oliveira de Azeméis e agradeço a Amizade dos que me solicitaram um depoimento sobre o cinquentenário da “revolução dos cravos”. Tal permitiu-me ir ao “meu jardim” de Memórias, onde hoje os cravos mostram dificuldades derivadas da conjuntura que vivemos e não ignoram a “falta de água cívica” que nesta falta, mas continuam a florir confiantes na Democracia.

José Gomes Fernandes

(escreve segundo o anterior Acordo Ortográfico)



O 25 de Abril: que Democracia?

Rui Graça Feijó

É sobejamente conhecido que o 25 de Abril prometeu três D's: Democratizar, Descolonizar, Desenvolver. Samuel Huntington argumentou que essa data marca o início de uma "Terceira Vaga de Democratização" (1974-c.2000). Mas também há quem diga (Inácia Rezola) que o Programa do MFA representa "o pioneiro da ambiguidade que constituirá a Revolução Portuguesa". Tudo gira em torno de uma questão: que Democracia nasceu com o 25 de Abril?

Contrariamente a outros "golpes" (falhados, como o "da Sé" em 1959, ou o "de Beja" em 1961), o MFA não se apresentou com uma componente civil, mais ou menos ligada a partidos/ movimentos/sectores organizados. A sua noção de "Democracia" não era, assim, alinhada com nenhuma corrente política. Era mais uma concha vazia que se devia preencher.

Para uns, a Revolução dos Cravos surgia "atrasada", uma vez que a queda do nazi-fascismo ocorrera no fim da II Grande Guerra, altura da emergência das democracias liberais.

Dentro deste quadro, havia quem desejasse um retorno à I República, de base censitária e elitista, e quem via no pós-guerra uma democracia mais alargada. Para outros, haveria também um atraso, mas o termo de referencia seria a Europa de Leste onde surgiram as chamadas "democracias populares".

Havia quem visse a "Democracia" com outros olhos – menos alinhada com experiências históricas, mais como algo a experimentar.

Correntes de "democracia basista" ou "democracia participativa" ou tendências inspiradas por movimentos emancipatórios do Terceiro Mundo (com figuras de referência como Che Guevara), prefiguravam modelos em que Portugal seria pioneiro a nível europeu.

A Democracia Portuguesa acabou por se configurar com traços originais na Constituição de 1976. É uma democracia liberal – baseada no Estado de Direito e nas liberdades cívicas – que assumiu desde então um carácter de Estado Social muito pronunciado.

A consolidação do regime político democrático não foi independente da sua dimensão social fortemente redistributiva: extensão da escolaridade, criação de um Sistema Nacional de Saúde, alargamento da protecção social na doença, no desemprego, na velhice – tudo com medidas assentes na prestação de serviços públicos.

O 25 de Abril não veio mostrar que Portugal precisava de copiar modelos em relação aos quais estaria "atrasado". Pelo contrário: Portugal dispôs de margem de manobra para desenvolver um modelo de Democracia Social. Esta capacidade de articular elementos determinantes de modelos demo-liberais de Estado de Direito com uma forte componente de um Estado Social surge como o elemento definidor do contributo do 25 de Abril para a História do País e da Europa.



Para um trabalho que fiz num agrupamento escolar do concelho Oliveira de azeméis (OAz) tive que pedir o meu processo militar para melhor fundamentação. Após requerimentos, exposições e assinaturas, todas com o “juízo por minha honra”, lá veio. O meu processo está na **caixa 2306**. Devia ser a caixa onde aleatoriamente eram “atirados” processos militares imitando os voluntários da Isabel Jonet no Banco Alimentar.

Soube, depois, que éramos muitos na caixa 2306 entre eles Salazar e Humberto Delgado.

Salazar (S) – *[com voz estridente aflautada denotando algum problema nas cordas vocais. E devia ser pois não consta ter feito parte de nenhum grupo coral. Com um discurso paroquial de forte influência do seu sempre companheiro Manel Cerejeira.]*

- “Humberto lembras-te quando...!?... Agradeço-te a ti e a Nosso Senhor (que Deus tenha) o 28 de maio”.

Humberto Delgado (H) – *[homenzarrão, voz grave de militar]* - “Siiiiim”

S – “E aquele livro primeiro que escreveste a elogiar-me!! Eu era o “sapiens””. “Tivemos depois algumas desavenças. Escrevias lá na tua Revista do Ar demasiados elogios ao Adolfo e sabes que eu gostava mais do Benito. O Adolfo se visse o meu nariz...!!! Não sei não. Aliás fizeste muitas visitas de estudo à Alemanha e quem pagava era eu!! ”

H - “Não me fales nisso q’eu nem sei onde tinha a cabeça!”

S – “Aaahhh... estás arrependido?”

H - “Euuuu nunca” - Ah valente, é assim mesmo. Um militar não verga... enverga o uniforme. - “Não sei onde tinha a cabeça, mas era, quando no Porto, me levaram aos ombros. O meu ego subiu mais alto que os Clérigos!!”

S – “Aos trambolhões queres tu dizer”- Quanto mais se empolgava mais aflautava a voz. E os rebuçados Dr. Bayard só em 1949 começaram a ser comercializados!!

H – “Escusas de dizer isso com essa voz aflautada. Tens é inveja de nunca teres sido assim recebido”

S – “És um vira casaca”

H – “OLHA LÁ!!! ISSO DO CASACA É PIADA AO ROSA, O BUFO CARNICEIRO?”

S – “VÊ LÁ COMO FALAS COMIGO” - Aquilo devia ter sido um ajuste de contas por rabo de saias. Ele também tinha a mania das espanholas.

José – *[um dos da caixa, ex-soldado, cansado, alentejano ou minhoto, não interessa]* – “VEJAM SE PARAM DE VEZ. Já não se pode descansar”.

S – “MAS QUE FALTA DE RESPEITO É ESSA!!? Vou chamar o Rapazote para pôr isto nos eixos”. “Oh Humberto sabes se ainda é o Rapazote?”

H – “Ai António, António. Onde tens a cabeça. “Agora é Administração Interna e é o Carneiro”.

S – “O quê??!! aquele deputado da Nação armado em liberal - o Sá?”

H – “Não António. Esse já morreu. Olha... esse não andava com nenhuma espanhola era com uma sueca”.

S – “SUECA!!!... Às tantas social democrata. Modernices!”

Rui – *[mais um da caixa - só para desestabilizar.]* “25 DE ABRIL SEMPRE”.

S – “25 de abril??!! Então não é 28 de maio? Olha lá meu menino tu és de que lugar?”

Rui – “Sou de Oliveira de Azeméis”.

S – “Aaaahhhh Terra Santa. Deves conhecer o meu fiel amigo Albino. Não é como este Humberto. Olha lá?” *[pausa um pouco talvez para se recordar melhor. É que isso dum gajo morto tem consequências nefastas... próprias de falecidos. Ficam mais paradotes... apáticos.]* “Na Câmara agora está o Ernesto ou o Leopoldo? Ainda são da família do Albino.”

Rui – “Não... é um tal Joaquim Jorge. Mas o vice é de Loureiro como o Albino”.

S – “Valha-me isso pelo menos. Deve ser um Reis também, é dinástico. ... Olha lá o que é feito dum rapazola que tinha a mania que era escritor, um tal de Ferreira?”

Rui – “Deve ser o Ferreira de Castro. Já morreu.”

S – “Esse mesmo. Ele também tinha a mania de escrever que em Portugal se vivia mal, que era tudo pobre. Não via como éramos felizes e honrados. Um exemplo para o mundo. Ele era cá um comunista!!!”

Rui – “Olhe que Nãaaooo. Era Anarquista.”

S – “É TUDO A MESMA CORJA.” *[Extremamente exaltado com a voz ainda mais estridente]*

Devia ter desfeito a caixa 2306. Estava explicada a morosidade da vinda do processo e não pelo número exaustivo de assinaturas desde um cabo até um “qualquer coisa” General!

tão perto de

também eu um dia
também eu
assentei papéis pelos muros
pintei letras nas paredes
atirei canções ao vento
matei tão antigas sedes
escrevi muita alegria
nas paredes da cidade
também eu um dia
também eu
aprendi a que sabia
a palavra liberdade
a amoras bravas medronho
figo lampo rubra romã
água fresca pela manhã
(enquanto não era sonho)
a vento areia e mar
que nos fazia cantar
uma modinha vadia
e também eu
também eu um dia
ergui braço e voz segura
juntei-me ao clamor confiado
de audácia e de certeza
que foi sol de pouca dura
mas está em mim guardado
caso volte a haver surpresa
esse dia foram meses
de muito sol e paixão
acredite quem quiser
mas é assim que me lembro
só voltaria a chover
no ano seguinte em novembro
não estou sozinha não estou
na lembrança desse inverno
a chuva veio e ficou
não deixemos que esse frio
passe agora a ser eterno

Rosa Melo
24.02.2023

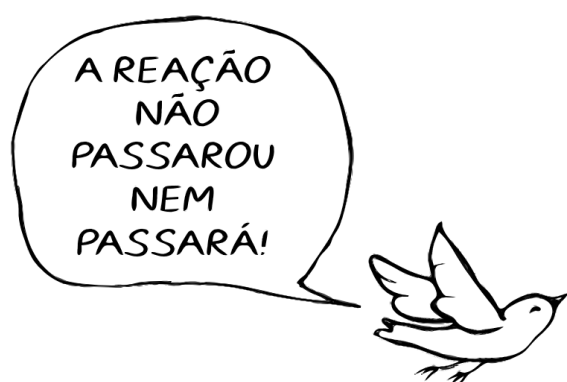


Da catarse dos dias até à calma e à razão

Quando a revolução acontece, tu és uma criança que brinca na inconsciência e com a certeza que tudo que conhece do mundo cabe na sua mão. Então, a agitação social mostra-se com vigor e a vida acelera vertiginosa num jogo sem leis. Novidades surpreendentes estranham quem vê e sente-se a mudança para um lugar diferente. Agora pertencemos todos ao mesmo barco que desliza sobre uma vaga que se agiganta sem revelar o momento limite que quebrará por exaustão. É a revolução dos cravos, agitados no ar, na mão, na arma, nos cabelos e nos abraços cheios de energia libertada de corpos solitários. Vêm-se políticos e militares num jogo de xadrez social, que na queda do reinado, deixa o vazio para uma ocupação oportuna. Agitam-se bandeiras, gritam-se frases marcantes em marcha sem destino e a multidão se anima como um formigueiro voraz de liberdade pelas praças e avenidas em saudações gloriosas aos soldados da paz.

Paulo Monteiro

Ilustração PM



Numa manhã de quinta-feira, duas crianças, de sete e quatro anos, afastavam a cortina de plástico, das janelas da cozinha, para espreitarem a sua mãe.

Ela, no alto da escada, segurava a barriga com uma mão e o corrimão, com a outra. Estava grávida, uma gestação já com sete meses e meio.

- D^a Leonilde, o que se passa hoje, que eles estão tão patrióticos? Na rádio, só se houve o hino nacional e Grândola Vila Morena!

- É uma revolução, D^a Céu! Passa-se qualquer coisa com as tropas em Lisboa e a patrulha da GNR já passou aqui em frente.

Como é que eu sei isto? Eu era uma dessas crianças e, escusado será dizer, nesse dia não brinquei na rua, mas hoje, sei o que quer dizer Liberdade.

José de Sousa

José Brandão de Sousa/ Paulo Monteiro





OS CLANDESTINOS

Domicília Costa

O senhor António era carpinteiro. Ninguém duvidava que o fosse apesar de ninguém fazer ideia onde trabalhava, já que nunca o viam sair de casa de manhã cedo para o trabalho nem o viam chegar ao fim do dia, mesmo no verão, em que os dias são longos. Sempre que alguém lhes fazia alguma pergunta nesse sentido, davam uma resposta vaga e ficava-se a saber o mesmo. Também nunca o viram numa taberna, e não ia ao futebol, embora ouvisse os relatos na telefonia ao domingo, e isso fosse tema de conversa com os vizinhos a que ele não se furtava. Já a política não lhe interessava. Era o que ele dizia. No entanto, comprava o jornal todos os dias.

A mulher, a D. Maria, era uma dona de casa como qualquer outra. Limpava a casa, ia às compras, cozinhava, lavava a roupa no tanque, estendia-a a corar ou a enxugar ao sol, passava-a a ferro. Tinham uma filha: a Cilinha.

Ninguém percebia de onde tinha vindo aquela família. Só muito raramente saíam, ao domingo, para passear e só muito de longe em longe recebiam a visita rápida de um homem, que diziam ser familiar. A Cilinha chamava-lhe tio. Correspondências da família também não recebiam. Nem um simples postal!

Mais estranho, que tudo isso, era a Cilinha não frequentar a escola, que era obrigatória na sua idade. Filha única do casal, com nove ou dez anos de idade, saudável, os vizinhos não entendiam... Era claro para toda a vizinhança que o casal não era rico. Nem miserável, ao ponto de não lhe poderem comprar o material escolar. Porém, ela sabia ler e escrever.

E assim iam vivendo. Passaram-se pouco mais de dois anos e este casal desapareceu, tão misteriosamente como tinha aparecido por aqueles lados. A vizinhança não teve mais notícias daquela família, mas comentavam entre si: “Era uma gente boa e séria, com uma vida muito estranha. Eram clandestinos, com certeza!”

Esta é a história da Cilinha e seus pais. Esta é a minha história de vida na clandestinidade.

Esta é a história real de Domicília Costa e de seus pais, clandestinos do Partido Comunista Português desde 1953 até ao 25 de Abril de 1974.

Em 2015, Domicília Costa, autora de “Abril: vivências na clandestinidade”, foi eleita para a Assembleia da República, como independente, pelo Bloco de Esquerda. Vive atualmente no Porto.

Ó Abril

Ó Abril de águas mil,
As tropas e a multidão saíram à rua,
Mas continuamos um povo servil.

Ó Abril da revolução dos cravos,
Votaste para mudar de amo,
Não para deixar de ser escravo.

Ó Abril da revolta dos capitães,
Sobrevivemos numa democracia,
Onde políticos mijam como cães.

Ó Abril das paradas de Estado,
Que vês o general e o corrupto,
Na bancada, lado a lado.

Ó Abril, há muito enlutado
Pelo crime de colarinho branco,
Do ministro enluvado,
Que na Assembleia ocupa o seu banco.

Triste Abril, do sonho suprimido,
Se soubesses, terias sido diferente:
Libertarias o povo, ainda oprimido.

José de Sousa

*Vai cantando ó poeta
Pelas vilas e cidades
Ensinando a toda a gente
O que é a Liberdade*

*Pelas ruas deste mundo
Onde governa a fome
Onde se faz a guerra
Onde não existe sorte*

*Vai cantando ó poeta
Vai cantando
Liberdade!*

*Pelas ruas deste povo
Onde governa a dor
Existem canibais
Disfarçados de doutor*

*Vai cantando ó poeta
Com o vento e com o mar
Dizendo a toda a gente
Para se libertar*

*Vai cantando ó Poeta
Vai cantando
Liberdade!*

Miguel Araújo, Paradigma



Ilustração PM

“Onde estavas no 25 de Abril?”

José Brandão de Sousa

Esta clássica (e repetidíssima!) pergunta de Armando Baptista-Bastos é, frequentemente, mal compreendida. E, por isso, mal respondida!

Os inquiridos respondem, geralmente, referindo o local, o sítio, a localidade, o país ou a situação em que se encontravam no dia 25 de Abril de 1974.

Ora, eu tenho a certeza de que o objetivo da pergunta de BB (como era carinhosa e respeitosamente tratado nos meios jornalísticos) não era esse. Baptista-Bastos era, por natureza, um provocador. Para ilustrar esse aspeto da sua personalidade, recordo aqui a sua célebre tirada: “Um Benfica-Sporting não é um caso de vida ou de morte. É muito mais do que isso!”

A pergunta “Onde estavas no 25 de Abril?” é um teste. Um teste do algodão. Um papel de tornesol (se fica vermelho é ácido, se azul é base). A pergunta deve ser lida como “De que lado estavas no 25 de Abril?” E é a resposta a esta pergunta que deve ser dada.

Estavas do lado da Opressão, da Ditadura? Ou estavas do lado da Liberdade, da Democracia?

Já passaram cinquenta anos desde o 25 de Abril de 74.

A pergunta ainda fará sentido? Faz. Cada vez mais!

Hoje, talvez Baptista-Bastos a reformulasse ligeiramente.

Talvez alterasse o tempo do verbo. Talvez a fizesse assim:

“Onde estás no 25 de Abril?”



O Milha 12 assumiu a responsabilidade da reedição do volume número um dos Cadernos de Poesia editado, em novembro de 1974, pela Secção de Teatro, Poesia e Música da ARCA - Associação Recreativa e Cultural de Azeméis, sob o título “POEMAS DA RESISTÊNCIA ANTI-FASCISTA PORTUGUESA”.

em abril florescem cravos

em abril florescem cravos
cravos perenes, vida sem fim
alegram os sentidos
suportam as agruras de cada momento
fenecem para logo mais renascem
alertando os adormecidos ou já esquecidos
liberdade, pão, paz
são pétalas dos cravos
dos cravos de abril

Carlos Cunha



A Liberdade e os Jovens da atualidade

Alexandra Gomes

“A verdadeira liberdade consiste apenas em fazer o que
devemos fazer, sem sermos obrigados a fazê-lo”

Jonathan Edwards

Comemorar os 50 anos da Revolução do 25 de abril é uma oportunidade significativa para refletir sobre as conquistas e desafios enfrentados pela sociedade portuguesa ao longo desse período.

Ao partilhar com os jovens sobre este tema, é importante considerar como a Revolução do 25 de abril moldou o Portugal contemporâneo e como suas ideias e valores continuam relevantes para as gerações futuras.

Volvidos 50 anos, o conceito de Liberdade para os jovens é bastante amplo e variado, dependendo das perspetivas individuais e culturais de cada um.

Para os jovens, ser livre é ser capaz de tomar decisões e poder expressá-las sem condicionalismos, agindo de acordo com as próprias vontades e desejos. Ser livre é serem fiéis a si e ao grupo que os acolhe, sem serem constrangidos ou reprimidos por autoridades externas, como pais, professores ou instituições sociais.

Para os jovens, a liberdade é experienciada como uma forma de abraçar novas possibilidades e vivências, ensinar diferentes identidades e expressões pessoais e estabelecer relações de igualdade entre si. Por outro lado, a liberdade também é como uma responsabilidade, já que implica a necessidade de fazer escolhas informadas e lidar com as consequências das próprias decisões.

Nós que já fomos (e ainda gostamos de ser) jovens temos o dever de encorajá-los a explorar a própria liberdade e a tomar decisões independentes. Os jovens devem também ser orientados e ter disponibilizados os recursos adequados, para garantir a sua segurança e o seu bem-estar, sempre sob o princípio que a sua liberdade termina quando começa a liberdade do outro.

O homem que cedo buliu no **fogo**

O miúdo tentou soletrar as palavras escritas no muro, sinais que não percebia, intrincado código de regras e sentidos que não dominava. Andava a aprender a ler, e as letras eram um labirinto de enigmas doridos, caminhada penosa entre bofetões e canadas na cabeça. Por isso, do que ele mais gostava no velho livro de leitura era das gravuras, dos bonecos coloridos que povoavam as páginas e não o faziam sofrer. E também de algumas frases aprendidas a cantar.

O cão que faz ão ão ão
é bom amigo como os que o são

O miúdo tentou soletrar as palavras escritas no muro e perguntou à mãe o que queria aquilo dizer. Que não eram coisas para a idade dele, disse a mãe com raro vigor. E olhou para os lados, para todos os lados.

Inocente, o miúdo insistiu. Que certas coisas não se podiam ler, disse a mãe. Não se podiam olhar. Não se podiam dizer. E apertou-lhe a mão com força inaudita.

Mas o miúdo desobedeceu outra vez. Fixou o mistério, aqueles sinais. Traços escritos à pressa, breves. Urgentes. E pronunciou as palavras de fogo:

PÃO PAZ AMNISTIA

Logo um brutal safanão o puxa, o leva. O arranca da mãe.

Augusto Baptista, in "o homem que"

Quando se esperavam os dias **POSITIVOS**

Rui Gomes



Ilustração PM

Nas vésperas do 25 de abril, os nossos concidadãos não podiam queixar-se de fraca visão. Conhecidos por darem relevo à vida familiar e, por extensão, à terra natal que todos amávamos, os nossos antepassados dispunham, então, para leitura semanal, de três jornais. Para não desiludir, todos eles escutavam as queixas dos nossos patrícios, os seus anseios prudentes e controlados. Em 1973, a saudosa *A Opinião*, que tinha sido fundada em 1888, quando Eça editou pela primeira vez *Os Maías*, voltara por algum tempo a ser publicada. Também bastante antigo, do ano de 1922, lançado por republicanos da linhagem de Bento Landureza, havia o semanário *Correio de Azeméis*. E ainda tinha surgido, em tempos de primavera, com muitas conversas em família e algumas existências desgraçadas, o mais moço dos três, *A Voz de Azeméis*. Este hebdomadário aparecera em 1970 e era publicado, a partir do número 203 da rua Ernesto Pinto Basto.

Convenhamos que fazia falta falar e fazer ouvir. Os nossos jornais, águas separadas e desígnios parecidos, vozes nem sempre consonantes, quando era necessário, e nem sempre discordantes, quando podia ser preciso, tinham um cordel condutor. Está bem de ver quanto era preciso fazer pelo barbante: o do progresso local. *Dezanove freguesias ávidas de maior desenvolvimento*, escrevia-se n' *A Voz*. Ou, *velho paladino dos interesses regionais do concelho*, como, com aprovação, voltava a apresentar-se *Correio*, depois de meio ano fechado e regressado aos quiosques em maio de 1974. De facto, aqueles dias mereciam ser vividos e guardados. Quando leram as novas da revolução, alguns dos nossos antepassados puseram a mão no queixo. Alguns de nós, desconcertados e atabalhoados, estremecemos. Fizeram, alguns de nós, judiciosos, com acanhamento, beicinho? O estado novo, que o velho e adoentado António, com as suas exíguas necessidades pessoais, andara a construir com vagar, muito devagarinho, obstinado, suportando as contrariedades, estava literalmente a desmoronar-se.

Um regresso à sanidade mental, como confidenciavam alguns dos nossos vizinhos? Não se pode desmentir.

Mas, sabendo nós que tínhamos poucas preferências, um velho almirante, à boca e fora das urnas, voltou a ser eleito, em 1972, para uma calejada missão de sete anos na chefia da nossa ciclópica nação. Não tínhamos de estar em harmonia com o almirante, valha-nos Deus, mas as redações dos nossos jornais admitiam que quem andava à chuva corria o risco de ficar molhado. Que fazer com aquele almirante formal e rígido, desmancha prazeres, agarrado à liturgia dos jarretas?

Faziam sentido as nossas suspeitas sibilinas de que, ainda hoje não se confirmou a consistência, o homem era, em última análise, um palonço? Os que suspeitavam que o almirante era inepto, enganassem-se. Talvez não fosse tão tanso e pacóvio, pelo menos para os que mantinham alguma fidelidade ao *venerando chefe de Estado*. Sem arrepiar caminho, esses não se escusavam a diligências manhosas, com a cabeça quente a tentar alcançar a intimidade da opinião pública. Para sustentar, por algum tempo, a maré da história encapelada, revele-se um pouco dessa história.

Era o dia 25 de julho de 1972. Um dos nossos jornais procurou arranjar as palavras ajustadas. No horizonte próximo, mais sete anos de abnegação, de sacrifício pessoal e familiar do almirante, dos seus compromissos, convenções e juras pelo bem-estar da nação. O desenho era dotado de animação, sem brejeirice e ronha, e foi publicado na primeira página de um dos nossos jornais: *Mais uma vez o País, zeloso dos seus interesses maiores e consciente dos seus deveres históricos, reelegeu no dia 25, através dos seus legítimos representantes, o senhor Almirante Américo Thomas para um novo mandato presidencial*. Com melífluas corriqueiras, acreditava o nosso estafado almirante, 1958 e a inquietação tinham passado mesmo à história. Década e meia vivida a fazer contas em casa, agora falamos nós: à meia luz, olhando matreiro à sua volta, ainda havia algum tempo, razoável e esborratado, para o patife, sem gritaria e com a sua brandura velhaca e mendaz, sovina, manter o trono e Angola.

O safado não dava crédito às obras do diabo.



"Um encontro com a história" (ou "Um encontro com História")

Naquele dia, convergiram os acasos.

Inesperadamente, as ruas ganharam outro brilho, um rasgo de cor entre o cinzento das fardas e armas a apontar para o ar.

Era a apoteose da revolução que se pretendia pacífica, de armas silenciosas.

A responsável era uma figura feminina que, com um gesto simples, se tornava parte da História que irrompia ali.

A mulher, a revolução, e os cravos de mão em mão a despontarem no cano das armas, qual solitário ostentando uma primavera que gritava por liberdade.

Quem era ela?

Era Celeste Caeiro, a mulher que ofereceu flores, as partilhou de coração, e fez do cravo o símbolo da revolução.

Magui Ramalho

E O PAINEL SUMIU

Octávio Lima

Em 1985, os órgãos diretivos da Escola Secundária de Penafiel, onde eu era professor, decidiram levar a cabo uma série de atividades para comemorar mais um aniversário do 25 de abril de 1974, sendo a principal a criação de um painel cerâmico alusivo à data.

Ariosto Madureira, na altura professor de Desenho na mesma escola, fez o esboço e deu corpo ao projeto. Depois de adquiridos os ladrilhos de terracota, o Ariosto estendeu-os no chão do gabinete do Conselho Diretivo e pintou-os. Fez questão de não assinar a obra, humildemente alegando não dominar engenho e arte para tal. Numeraram-se as peças para posterior controlo, sendo todas transportadas para serem cozidas na mufla do atelier partilhado por três grandes amigos e colegas na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, - XCosta, Dario e Truta -, algures na Foz Velha, Porto. Terminada a cozedura, regressaram as peças à escola, onde foram montadas e coladas na parede da fachada junto à entrada da Secretaria.

O dia da inauguração do painel cerâmico, sábado, 20 de abril, foi de pompa e circunstância, conciliando-se o desfile de uma filarmónica da região com uma parada de bombos e a presença de altas individualidades, nomeadamente Vasco Lourenço, um dos protagonistas do 25 de abril. Relacionado com o evento, houve uma exposição de cartazes, livros, revistas e jornais relacionados com a data, palestras, fados de Coimbra e referências a Aquilino Ribeiro por ocasião do centenário do seu nascimento.

Este painel cerâmico não viria a ser bafejado pela sorte nem teria o condão de mover sensibilidades. Duas décadas após a sua inauguração, seria leviana e impunemente pulverizado pelo camartelo das obras de requalificação daquela escola.

E VIVA O 25 DE ABRIL!

ABRIL

António F. de Pina

Abril era um rio cujas margens
Lamacentas movediças e limosas
Acontoadas no silêncio imperativo
Amordaçavam as vontades preciosas.

Lamacentas movediças e limosas
Eram assim as margens deste rio
Onde passavam águas turvas e viscosas:
O tormento a masmorra o calafrio.

Há palavras como águas sossegadas
Mas quando o leito as obriga ao turbilhão
Saltam das margens trazem gritos nas goelas
Neste Abril que está aqui mesmo à nossa mão.

Há palavras que rebentam pelas veias
E que se espalham pelos campos a florir.
Não se impõe a ninguém a liberdade
Por ela fazer parte do viver e do sentir.

Porque mais que o impor há o urdir
Em cada rosto amargurado e constrangido
Para que Abril seja a esperança do futuro
Que se enraíze em cada homem sem abrigo.

Este Abril que eu cantei com esperança
Com voz rouca mas repleta de energia
Como um clarão que afastou todos os medos
Na madrugada onde nasceu o tão desejado dia.

25 DE ABRIL
2020

O dia acordou chuvoso,
Triste como todos nós.
Dias mais tristes tiveram,
Nossos pais, nossos avós.
Não havia quarentena,
Mas havia repressão.
Não se podia dizer,
Tudo o que se queria,
Pois escutas cá havia,
E podia acontecer,
Até à prisão ir ter.
Hoje aqui confinados,
Na casa de todos nós,
Temos de lavar as mãos,
Para o vírus acautelar,
E com os nossos amigos,
Diretamente não falar.
Enquanto na altura,
Tínhamos de seleccionar
As palavras escolhidas,
Para PIDE enganar,
E não nos poder levar.
Mas,
Há 46 anos houve uma revolução,
Que hoje estamos a comemorar,
E mesmo em isolamento,
Com tudo o que está a acontecer,
Não nos podemos esquecer,
As portas que Abril abriu
Continuar em casa estar,
Desta vez
P'ró vírus não nos levar.

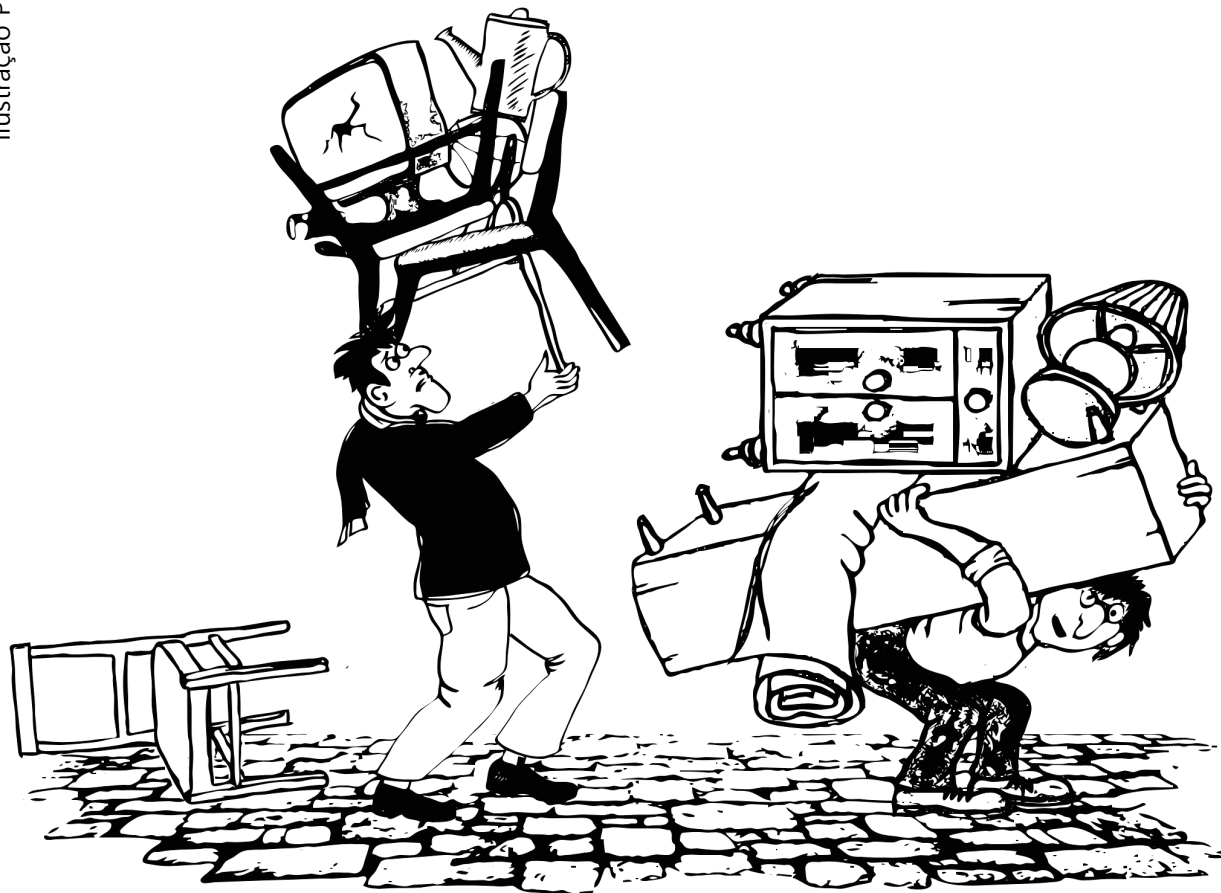
Filomena Judite Brandão

25 de Abril 2020



Ilustração PM

Ilustração PM



TERÇO ACABADO

O 25 de Abril foi numa quinta-feira. Eu estudava em Coimbra. Como já tinha uma atividade política intensa, envolvi-me, de imediato, nas atividades subsequentes: manifestações, assalto às instalações da Mocidade Portuguesa, ocupação de casas, etc.

O “primeiro” Primeiro de Maio seria na quarta-feira seguinte. Resolvi ir para a minha terra no dia anterior. Eu fazia parte de uma organização de esquerda que, já antes do 25 de Abril, tinha um pequeno núcleo clandestino de simpatizantes na vila. Alguns estudantes, operários e empregados comerciais. Resolveu-se que a organização deveria ter uma participação de relevo no Primeiro de Maio.

Encontrei os democratas da terra reunidos numa sala junto ao mercado. Ajoelhados no chão, uns pintavam cartazes e faixas. Os restantes, de pé, discutiam a organização da manifestação e do comício do dia seguinte.

A certa altura alguém comentou que era preciso mobília. Era cansativo e pouco operacional estar-se a trabalhar de pé ou no chão.

- Mobília? É fácil! – disse eu

Os olhares concentraram-se em mim, inquisidores, aguardando uma explicação do milagre.

- No quartel da Legião há mesas e cadeiras onde os legionários passam as noites a beber copos e a jogar damas. Vamos lá e trazemos aquilo tudo!

Era a experiência de Coimbra a falar!

Os mais legalistas ainda hesitaram (“não era melhor contactar o MFA?”), mas acabámos por ir todos ao quartel da Legião que ficava a cem metros.

Batemos à porta e informámos o quarteiro ao que vínhamos. Cheio de medo, gaguejou algo como “ordens superiores” e “MFA”. Mas, rapidamente, compreendeu que o melhor era mesmo abrir as portas.

Formou-se, então, um cortejo, uma estranha procissão noturna de mesas e cadeiras pelo Quelho do Marcelino abaixo.

Por mim trazia, também, as armas, apesar de não serem grande coisa. Umas velhas Mauser da 2ª Guerra Mundial, embora me lembre de ter avistado uma FBP (devia ser a arma do comandante...) que poderia ser prestável.

Desativava-se informalmente o Terço da Legião Portuguesa de Oliveira de Azeméis.

Quem tratou da desativação oficial foi um destacamento militar que, uns dias depois, veio com uma camioneta e carregou o resto do espólio: as armas, os tambores, as cornetas e os estandartes!

Assim acabou o tal Terço. Sem honra nem glória. Como, aliás, sempre tinha vivido!

José Brandão de Sousa

Que o espectro da ditadura nunca mais ensombre os nossos dias!

Luís Melo Ferreira

Comemorar hoje meio século da Revolução de Abril convoca igualmente um necessário momento de reflexão: as democracias ocidentais vivem um ciclo de preocupante e veloz degradação. Depois de períodos de esperança, uma dura crise económica abateu-se sobre a generalidade dos cidadãos, condenados a pagar os erros cometidos por riquezas acumuladas de que não usufruíram - afinal, como já bem se sabia, os mercados não se autoregularam...

Dois jargões instalam-se na vulgata do discurso político: o da *corrupção*, que demagogicamente pretende este fenómeno como exclusiva justificação para o fosso cada vez mais notório entre os poucos que muito têm e uma grande maioria que se encontra cada vez mais exaurida, e o das *reformas estruturais*, panegírico milagroso que sempre redunde no corte dos direitos aos mesmos, como se não pudesse pender extamente para o lado oposto. O descontentamento grassa e uma onda de populismo instala-se, como há um século atrás acontecera, inflamando discursos que anunciam o pior - populismos alimentados exatamente por aqueles que mais se aproveitam da situação.

Ao abrigo de uma globalização que abriu a porta aos lucros obscenos de uma pequena minoria, emerge uma carga fiscal desproporcional que especialmente onera os que trabalham e vêm duramente mitigado o seu poder de compra e a sua qualidade de vida, fomentando um ambiente de desespero que atenta quotidianamente contra a democracia. A geração mais bem preparada de sempre é confrontada com uma oferta laboral precária inversamente proporcional ao seu qualificado grau de formação, conduzindo a um ciclo de acentuada retração demográfica e a um novo e generalizado surto de emigração.

A opacidade dos diretórios europeus e a manipulação de uma sociedade que se pretende cada vez menos informada e crítica, impede ainda a implementação de medidas que mitiguem as questões climáticas, que atingem um ponto sem retorno, conduzindo a Humanidade ao suicídio coletivo - facto veementemente denunciado pelo Secretário Geral das Nações Unidas que, reiteradamente, clama por tomadas de posição urgentes e eficazes, sempre adiadas porque todos reconhecemos a impopularidade de tais medidas e porque os que mais têm serão, seguramente, aqueles que mais terão a perder.



O discurso do ódio e da intolerância grassa, os confrontos bélicos que pareciam respeitar apenas à longínqua memória dos conflitos mundiais ocorridos no século XX, voltam a invadir o nosso quotidiano, alertando para um futuro caótico e destruidor.

Festejar meio século da Revolução dos Cravos implica também uma reflexão sobre as crises profundas que nos rodeiam, requer um desígnio coletivo da identificação dos problemas que diariamente a fragilizam e a definição de novos caminhos e soluções que possam reverter a atual conjuntura.

Não há como escondê-lo: as democracias vivem momentos de profundo perigo e só enfrentando e assumindo as debilidades em que se encontram poderemos dignificar esta efeméride. À generalidade da sociedade civil cabe não só o direito, mas sobretudo o dever de denunciar uma situação verdadeiramente preocupante, para que não percamos novamente o maior valor que a revolução de abril resgatou - a Liberdade.

Porque como, de forma lapidar, escreveu a poetisa:

*“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo.” **
25 de Abril sempre!

*Sophia de Mello Breyner Andresen, “25 de Abril”, 1974

Ilustração Soraia Besteiros



Era uma vez...

Era uma vez Abril. Um mês como tantos outros que ficaria na História por boas razões: os militares queriam acabar com uma guerra sem sentido, e o povo ansiava por mais desenvolvimento e liberdade. O 25 de Abril de 1974, que já tinha começado antes, iniciou-se ao som de uma bonita canção lembrando o Alentejo profundo e moreno. Os cravos substituíram os tiros e o início foi auspicioso. Os revolucionários apontaram o foco à eliminação das desigualdades, mas não foi bem isso que aconteceu.

Passaram-se 50 anos, mas continua muito Abril por cumprir. O país desenvolveu-se, captou investimento estrangeiro, sofisticou o seu cabaz de compras, aumentou o seu nível de vida, fizeram-se novas e modernas infraestruturas e até o velho escudo foi substituído. Valeu a pena? Claro que valeu a pena, mas não se aportou a porto seguro.

Em cima das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, o país virou à direita, as desigualdades sociais aumentaram, sendo o saldo migratório comprometedor: continuam a sair do país os mais válidos e entram os menos qualificados. Portugal já não vive modestamente, o que não tem mal nenhum, mas continua a ser um país pobre e de baixos salários no bloco económico onde se insere.

A conclusão parece ser óbvia: os militares deram o tom, mas a orquestra não estava preparada para interpretar tal partitura.

Luís Quintino

Eu não vi abril

Seria no entanto impossível não sentir o seu espólio de esperança

Eu não vi abril

Mas se de um país de poetas nos tratamos como não o sentir nas nossas entranhas como um grito lúcido de verdade

É que eu não vi abril

Mas nasci envolto nos cravos vermelhos e nos canos de espingarda tapados pela fraternidade dos homens comuns

Eu não vi abril

Mas houve muitos dos que o viram e ainda assim espezinharam suas sementes e secaram a sua terra em nome dos poucos que nunca conseguirão ver, de facto, abril

Miguel Araújo, 2020

GALERIA FOTOGRÁFICA OLIVEIRA DE AZEMÉIS

F1 - Leitura de jornais no dia 25 de abril de 1974 (cortesia de João Ramalho).
F2 - 1º de Maio de 1974 (cortesia de João Ramalho). F3 - Propaganda eleitoral.





FICHA TÉCNICA
Milha 12 - Gazeta Cooltural
25 de abril de 2024
Próxima edição - 25 de maio de 2024

DIRETÓRIO COLETIVO
José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula
Sousa | Paulo Monteiro

MORADA
Rua António Bernardo 500, 2ª fase, 5ª Esq
3720-301 Oliveira de Azeméis

REVISÃO
Paula Sousa

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO
Ana Santos Silva | Alexandra Gomes |
António F. de Pina | A. Grilo | Augusto
Baptista | Augusto Lemos | BAP | Carlos
Cunha | Domicília Costa | Filomena Judite
Brandão | Gustavo Bastos | Helena Terra |
José António Stréna | José Brandão de
Sousa | José de Sousa | João Ramalho |
José Gomes Fernandes | Isabel Costa | Luís
Barbosa | Luís Melo Ferreira | Luís Quintino |
Luís Veloso | Magui Ramalho | Matos
Barbosa | Miguel Araújo | Octávio Lima |
Paula Sousa | Paulo Monteiro | Rosa Melo |
Rui Gomes | Rui Conde Pinho | Rui Graça
Feijó | Soraia Besteiros

IMPRESSÃO
Graficamares, Lda
Rua Parque Industrial Monte de Rabadas,
No 104720-608 Amares

DEPÓSITO LEGAL
525497/23

TIRAGEM
250 exemplares

PROPRIETÁRIO
Clube Literário de Oliveira de Azeméis

ESTATUTO EDITORIAL
milhadoze.wixsite.com/milha-12/estatuto-editorial

CONTATO
milhadoze@gmail.com

SITE
milhadoze.wixsite.com/milha-12

GLOSSÁRIO

(*minúsculo e muito inco?pleto*)
DO PREC

por A. Grilo

- Bases, As** - os que não fazem parte da “estrutura”, das “cúpulas” de um partido; no PPD têm uma designação específica “bazaroco”
- Barão** - em geral, do PS, do PSD ou do CDS; pessoa importante dentro destes partidos (ver também Cacique)
- Bufo** - pessoa ao serviço da PIDE; informador - espécie em vias de extinção?
- Cacique** - arregimentador local de votos; são clássicas as suas indicações às pessoas de menor literacia: “bota na mãozinha” ou “põe na chuminezinha” - às vezes dá asneira
- Cassete** - tocada, em loop, pelos dirigentes do PCP; um deles ficou mesmo famoso como o “Cassete Carvalhas”
- Chaimite** - carro blindado icónico do 25 de Abril; retirou Marcelo Caetano do Quartel do Carmo; às vezes abria as manifestações populares
- Comuna** - designação dada a comunistas, antifascistas ou democratas pelos fachos (Ver Facho)
- Comício** - reunião política; antes do 25 de Abril, quando permitido, podia ser terminado a qualquer momento se a polícia não gostasse do que lá se dizia; para desacreditar o comício foi inventada - imagine-se por quem... - a palavra “bubício”
- Facho** - designação usada pela esquerda para designar um adepto do Estado Novo
- Fumaça** - “é só fumaça!” disse o primeiro-ministro Pinheiro de Azevedo para acalmar as pessoas num comício, quando estourou um petardo; a expressão ficou
- G3** - espingarda utilizada pelo Exército português; com um cravo no cano, tornou-se o símbolo da “aliança Povo-MFA”; durante o PREC, desapareceram muitas - disseram que “estavam em boas mãos”
- Grândola** - hino do 25 de Abril e da democracia; anos mais tarde deu origem ao verbo “grandolar” - o Relvas que o diga!
- Massas** - havia várias: as massas trabalhadoras, operárias, camponesas, etc.; era o Povo, mesmo!
- Manif** - abreviatura para manifestação; “logo, vais à manif?”
- Moca** (de rio Maior) - arma usada pelos reações para atacar os democratas; viam-se muitas nos assaltos às sedes dos partidos da esquerda durante o PREC
- Ocupação** - de fábricas, de casas, de herdades - havia para todos os gostos; atividade frenética durante o PREC
- Panflo** - abreviatura de panfleto; alguns não eram nada abreviados - chegavam a ter quatro páginas
- Pichagem** - atividade muito antiga de escrever palavras de ordem nas paredes; atividade apressada e perigosa (logo, tosca) durante o fascismo, mas, por vezes, elaborada e artística depois do 25 de abril; continua na atualidade, mas sem caráter político, agora chama-se arte urbana(!)
- Plenário** - reunião geral de trabalhadores, de moradores, de estudantes, etc. onde se tomavam decisões que diziam respeito aos participantes; forma de democracia direta; não confundir com o ignóbil “Tribunal Plenário” do tempo do fascismo
- PREC** - sigla de Processo Revolucionário Em Curso, usada, pela primeira vez, por Álvaro Cunhal para designar o período de instabilidade política que se viveu em 1974 e 75
- Progressista** - pessoa que segue as ideias democráticas; antónimo de “reacionário”
- Proleta** - abreviatura de proletário; trabalhador; faz parte das “massas”; termo usado pela extrema-esquerda
- Reaça** - reacionário; indivíduo que rejeita e se opõe às mudanças do 25 de Abril

A Zeca Afonso

A tão dorida ambiência de pranto
Pelo holocausto da flor Catarina
É a melopeia mais pungente e fina
Do seu tão vibrante e genial canto.

Verte aroma agridoce de nostalgia
Em melífluos acordes de chama lusa.
O mar, o monte, o campo são sua musa
Bem como os bairros negros do dia a dia.

Os dramas dos que lutam pelo pão
Tiram a alegria de ver as gaivotas
E sentir a sua dimensão de devotas

Do utópico símbolo de uma nação.
Foi trovador lírico e épico cantor
Com luz de alegria num fundo de dor.

22/02/2017
Augusto Lemos

Filhos de um PUTIN

Luís Barbosa (Set. 2019)

cuidado, os lobos estão de volta
palavras mansas, gestos lentos
e o olhar de quem lamenta;

cuidado, vão dizer que a culpa é nossa
enquanto roubam, pilham tudo
enquanto podem, comem tudo;

...um a um e no fim não fica nenhum,
um a um são esquecidos numa vala comum...

cuidado com as sombras do passado
ideias velhas, mentiras rotas
populismos e lirismos;

cuidado, que um mundo adormecido
pelos espelhos da vaidade
não conhece a liberdade;

...um mais um ninguém quer contar que afinal,
já foram tantos só mais um, onde está o mal?...

cuidado com os ódios dos ismos
esses medos sem razão
levam pistola na mão

cuidado com a verdade que cospes,
às vezes o que comes
não te passa pela boca

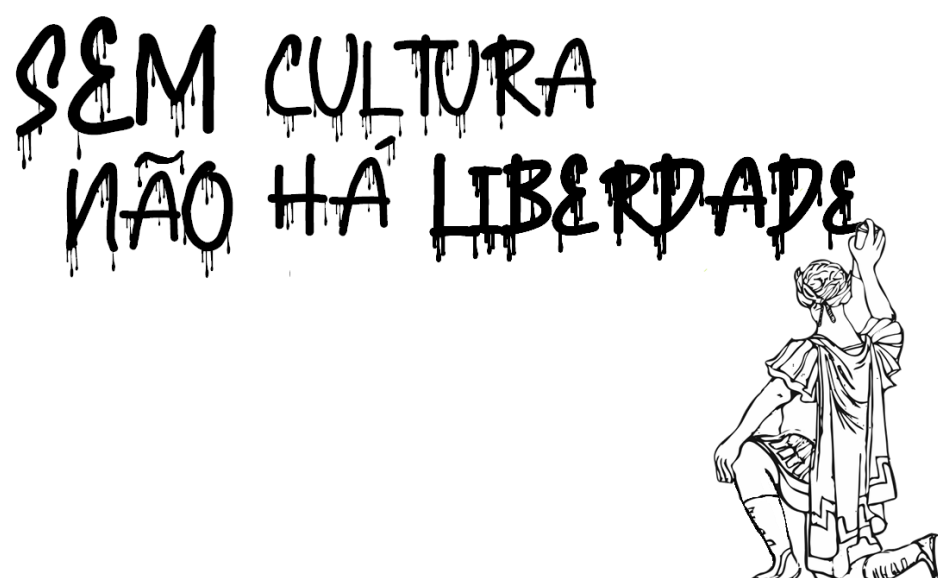
...um a um e no fim não fica nenhum,
um a um são esquecidos numa vala comum;
um mais um ninguém quer contar que afinal,
já foram tantos só mais um, onde está o mal?...



Escultura do memorial a Zeca Afonso, cuja intenção é a comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, criado pelo artista Ricardo Cristas.

Nem os cravos trazem rubro
nem me esgoto nessas jarras
cuja água fica turva pelos dias
e por lodos do cansaço e de trabalho
Não nego que seco quando ralho
e que a revolução me agarra
mais que me liberta
mais que me solta gritos
mais do que me excita e me faz furor
Porque se a minha alma é hemorrágica
não é na abundância de guerras e de nós
não é na dor de luta trágica
que se alegra e se sacia
É na apneia dos aflitos é no amor
no calor inerte das mulheres sós
nos ventos mornos das amarras
que minha alma medita e vagueia
como cravos rubros em água mágica

Isabel Costa



Com a aurora, o nascer do dia
O tal dia “inteiro e limpo”...
Uma manhã de abril sem igual...
Uma alegria nada habitual.
Das armas floriram cravos,
Dos cravos ergueram-se braços,
Dum povo que fora de escravos
E agora conquista a Liberdade,
Num Portugal novo
Onde quem decide é o povo,
Unido, firme e sem cansaços,
Jamais baixará os braços!

Helena Terra



Desenho - Matos Barbosa



Cinquenta anos passaram
E de tanto por fazer,...
Vinte cinco cravos medraram,
Outros tantos por crescer;
E do que era pra fazer
E daquilo que foi feito,
Muit' ainda se pode ver
De tão duvidoso conceito...

José António Stréna

